

Entrevista nº 8

### **Descreva-me a sua experiência vivida de doença**

A situação começou, não em Outubro, mas começou um mês antes, quando eu estava a trabalhar, e tive umas dores muito estranhas, muito aflitivas que, como todos nós profissionais, recorri à ajuda interna e fiz medicação e a situação reverteu. Passados dois ou três dias fiz uma gastroenterite, que associei as dores anteriores à gastroenterite e tudo muito bem, também se resolveu a situação da gastroenterite. Passado um mês, vim trabalhar, de manhã vinha muito bem, saí bem-disposta de casa e quando chego ao instituto começo a sentir umas dores abdominais, muito esquisitas que me levou a dizer aos colegas 'passem o turno, que eu estou um bocadinho mal-disposta e vou à casa de banho; quer dizer o turno passou-se, eu não apareci até que surge uma colega a ter comigo, pronto eu estava efectivamente torcida de dores na casa de banho e a situação começou aí: aflitivo pelo tipo de sintomatologia, porque eram umas dores intensas, eram uns vómitos horríveis e uns tremores, pronto que eu não conseguia associar a nada, a nenhuma situação que eu conhecesse e dissesse é disto, é daquilo; chamam o médico que resolvia todos os problemas nesta casa até há um ano atrás, que era o Dr. HP e como sempre lá vem ele para ajudar, pronto. Observou-me, chamou o laboratório para fazer análises, chamou, providenciou todas aquelas situações e, lembro-me, daquelas coisas quando chegam as técnicas do laboratório: 'o quê?, está outra vez assim?' e aí e que eu vi que já há alguns tempos deveria andar a fazer algum tipo de crises de dor e não só que me colocavam, que chamavam atenção aos outros mas que

a gente nem sequer olha para nós; pronto, para abreviar o que é que aconteceu?, continuei com a sintomatologia, não fiz medicação nenhuma, o Dr. HP tentou que eu fizesse uma endoscopia cá mas não se conseguiu e ele não esteve de modas e disse 'F. é melhor ir para baixo, para os HUC', e eu fui, entrei pela urgência, ía para ser vista pela cirurgia, tive que fazer portanto, uma ecografia, e depois, pronto, como doente, nesse momento, eu estava assustada, assustei-me quando na ecografia me dizem 'tem um quisto no ovário' a que eu não ligo muito, mas que quando me dizem que tenho umas massas abdominais, eu entrei em parafuso, desatei a chorar mas depois, a partir de terem feito este diagnóstico, já me deram medicação analgésica e a partir daí eu acalmei (expressão de alívio).

Tem-se vantagem de ser enfermeiro, tem-se vantagem de ser referenciado directamente ao director da urgência, portanto nós, às vezes, como profissionais de saúde conseguimos passar ou ultrapassar algumas situações de stress, que é 'quando é que me vão ver?; quem é que me vai ver?' e eu nesse aspecto estava descansada, porque sabia perfeitamente que ía ser bem atendida, rapidamente atendida e que tentariam resolver a situação, pronto. O médico de cirurgia que me viu disse que não, isto é com a ginecologia, vamos mandá-la para a ginecologia. E assim aconteceu, fui para a ginecologia e pronto, fiquei internada. Na altura a medicação fez efeito, eu já estava sem dores e achava que era uma aberração eu estar ali a dar trabalho a tanta gente, mas que vergonha! Será que eu efectivamente tive estas dores, eu tenho um bocadinho esta sintomatologia, esta situação de se efectivamente as dores que

eu tive eram assim tão graves que exigisse que eu ficasse internada. Mas entretanto, como toda a medicação tem o seu tempo de efeito, o efeito passou e eu voltei outra vez à mesma situação, tive outra vez outra crise de dores intensas, com vômitos e tremores e fiquei.. fiquei internada, pronto, disseram 'amanhã vai ser observada pelo médico, as pessoas que estava à minha volta, estavam muito ansiosas com esta minha sintomatologia, lembro-me de uma colega que estava, acho que estava ,mais ansiosa que eu, ela stressou completamente quando me viu naquele aparato de vômitos e tremores; eu estava ansiosa porque não sabia o que era, pronto ... já pensei, pensava que era uma crise de paludismo porque eu tinha estado na Índia não sei quantos anos antes, é daquelas coisas, nós tentamos explicar tudo aquilo que nos acontece, tentamos racionalizar, ou eu, pelo menos tento racionalizar para explicar o que é que se está a passar comigo, pronto, voltei a fazer a medicação e nesse dia que fui internada correu muito bem, pronto, não voltei, descansei de noite, não voltei a ter problemas de maior. O dia seguinte, pelas sete da manhã, liga-me uma colega, muito bem intencionada: 'olha, tu vais ser operada hoje!' e eu disse assim 'vou!?' , 'vais, o meu marido sabe!'. Pronto, tudo bem!

O médico vai-me ver: ' a Srª não pode andar levantada'; eu fiquei, não goste muito da reacção, fiquei assim, foi um bocado abrupta, ninguém me disse nada e eu andava a fazer a cama, como todo o enfermeiro – tem que fazer a cama. Pronto e a partir daí, eu acho que me remeti um bocadinho para longe aquilo que se estava a passar comigo, tentei racionalizar um pouco em termos de, pode ser de ideia minha, estou a fazer uma crise de paludismo, pode ser uma

intoxicação alimentar, e tentei isolar-me, depois de ter chorado naquele bocadinho das massas abdominais, acho que cortei, desliguei, não tentei voltar a identificar com situações que a gente passa aqui a nível profissional, pronto, não sei se é uma defesa ou não, se calhar é uma estratégia que a gente tem ou que eu tive para resolver, para ultrapassar a situação. Entretanto fui observada pelo médico, o médico disse 'tem que ser operada', sugeriu ou pôs a hipótese de ser operada e se podia ser operada por laparoscopia, pelos orifícios e tudo muito bem, a componente estética também ficou cá comigo, não é que eu seja grande fã do biquíni; tudo muito bem, está bem, mas pode ser hoje pode não ser, vamos ver com o que a situação se resolve. Pronto, foi o tempo de eu chegar ao quarto, acho que me sentei, passado um bocadinho aparecem os colegas numa grande azáfama, porque 'vais já para o bloco'; 'tens vaga no bloco'. Pronto, a partir daí começou uma aceleração tão grande que eu não tive tempo de pensar que ía ser operada e acho que é daí que as pessoas acham como é que eu ía para o bloco tão bem-disposta, como se não fosse nada comigo, porque aquilo foi um corre - corre desgraçado. O maior tempo de espera foi efectivamente esperar pelo elevador, o elevador estar disponível para me passar, para me levarem para baixo, acho que se eu fosse a pé a coisa ainda tinha sido mais fácil de suportar. É assim, depois chagamos a ... os colegas deixaram-nos, entretanto naquele tempo de espera, outra urgência mais urgente, efectivamente, passou à minha frente e quando chego ao bloco disseram 'ai vai ter que esperar mais um pouco porque a sala foi ocupada por uma outra urgência', a não sei o quê e fui posta num grande salão, o que é

extremamente difícil, estar deitada numa cama a olhar para o tecto, a gente não se apercebe de nada; eu tenho a noção de ter estado uma filha de uma colega nossa que eu conheço perfeitamente ao meu lado, e dizer 'olha é a F.', e eu olhar para ela e não saber quem era, porque a perspectiva horizontal não tem nada a ver com a perspectiva vertical de vermos a pessoa frente a frente. Tive que fazer um esforço para ver ou então já estava com a cabeça um bocadinho às voltas porque eu não conseguia reconhecer a moça, depois aquele tempo de espera, tipo, parece uma estação de caminhos de erro, com n camas espalhadas e eu sozinha, foi, pronto, a parte em que eu mais pensei e acho que aí fiz um bocadinho uma retrospectiva pela vida e lembro-me de ter perguntado.. ter pensado no meu pai e pedir para ele guardar a minha mãe (choro e emoção). Eu acho que foi o momento mais difícil ... pronto, depois passei no transfer e as pessoas lá foram muito solícitas; lembro-me de haver uma médica a dizer 'mas lha lá isto é mesmo um quisto do ovário?!; olha que não parece' pronto, para o médico, e eu cá para comigo 'Ai meu Deus, que é que se passará aqui?!'. Pronto, e de me perguntarem se eu fazia algum tipo de medicação, ou alguma coisa e de me punçionarem, lembro-me disso! E lembro-me de, naquele momento, da sensação de voltar a ficar com os tremores, penso que aí era mesmo o factor ansiedade, não um factor ... pronto, físico. Porque só mais tarde é que eu vim a saber porque é que eu fazia aqueles tremores e porque é que eu tinha os vómitos, um dia em conversa a falar com outra colega e lembro-me de alguém me pôr a mão na testa e pronto, não me lembro de mais nada. Lembro-me depois de acordar no bloco, no recobro, com dores, alguém me dar um

medicamento, dizer que me vai dar um analgésico qualquer e eu, feita enfermeira, perguntar o que é que eu tenho de fazer?, tipo precisa de ajuda não é?, pronto, fazer a medicação e voltar mais tarde acordar com o marido de uma outra colega nossa a perguntar-me ‘tens dores?’, e eu disse ‘estou cheia de dores!’. Pronto, a partir daí deram-me a medicação, a petidina que eu acho que é milagrosa, endovenosa, não é?, passado um bocadito já estava a fazer discursos sobre o tratado de Bolonha, com os colegas e pronto, depois lembro-me de ir para o quarto e o médico ir-me lá explicar o que é que tinha feito; durante a noite ... lembro-me de ter muitas dores mas não...nunca e deu para chamar as colegas, não sei, apareceu lá uma colega a meio da noite; tive dores, uma dor de postura não era uma dor da intervenção era da postura, devia ter ficado contraída, no bloco e tinha uma dor terrível ao nível da omoplata, e depois ter lá ido uma colega e eu dizer doem-me uma bocadinho as costas e ela ter-me ajeitado a almofada e depois ter ficado bem.

### **Porque é que não tocou, F.?**

Não sei. Porque achei que era uma mariguice estar-me a queixar daquela dor, tinha a ver com a mesma história anterior, se efectivamente as minhas dores eram significativas, porque desapareciam, porque já tinham sentido isso quando fiz aquele quadro em que o médico daqui me tinha medicado e eu disse assim, ‘se calhar eu estava, não estava boa da cabeça e achei que as dores, valorizei mais as dores do que elas eram efectivamente fortes.

**Mas essa, de alguma forma, desvalorização da dor ou da necessidade de tocar era por ser a F. em si ou por achar que era enfermeira?**

Eu acho que era por ser por mim, não tem a ver por achar que era enfermeira e pensar que as outras colegas iriam achar que eu era uma chata por ser uma enfermeira, pronto eu penso que tem a ver comigo. Porque eu lembro-me quando foi lá o marido dessa colega ao recobro, ele dizer para as colegas 'olhem que ela tem dores e nunca se costuma queixar', porque a esposa já lhe tinha transmitido essa, essa noção, essa ideia de que eu não, efectivamente, não me queixava. Não tem a ver com o incomodar, pronto é uma dor incomodativa que eu tive, porque parece que não conseguia respirar, não é? e depois também começava a pensar: 'será que me fizeram aqui alguma coisa?!', mas o que é que uma coisa tem a ver com a outra, com o pulmão (risos). É, mas eu acho que tem a ver com o facto de eu desvalorizar a dor, não pelo facto de ser profissional e achar que não devo incomodar para não acharem que é chata; lá por ser enfermeira tem a mania; até.. porque é assim, eu tive um tratamento, tive.. as colegas lá, não me conheciam de lado nenhum, mas conseguiram arranjar-me um quarto para eu estar sozinha, pronto acho que foi... **(um tratamento diferente?)**, é assim, diferente ... é assim, se nós tivermos aqui colegas nós tentamos fazer isso, independentemente de serem ou não da instituição, mas acho que houve esse cuidado, porque lembro-me de uma colega que na altura comentou com outra 'ah, vamos pô-la .. puseram-me primeiro a mim num quarto que era tipo sala de observações, da ginecologia, no próprio piso e depois outra colega perguntou 'então porque é que não a tiras aqui do quarto e pões no outro quarto?'; 'ah, não vou querer pô-la ao pé de uma velhota que está com DIB', e eu sou sincera, na altura não sabia o que era um DIB e eu

perguntei, mais tarde, a uma outra colega do hospital: 'olha lá, o que é um DIB?!, é alguma coisa contagiosa?!' (risos), só depois é que me apercebi que o DIB deveria estar numa pessoa idosa que estivesse com dores ou que tivesse algum tipo de medicação por, de alguma analgesia, portanto, houve esse cuidado, eu senti que havia esse cuidado, pronto, essa atenção de me porem num ambiente mais calmo, não era para não incomodar em relação a essa atitude, tem mais um pouco a ver comigo. Sou uma chorinhas, como já se notou não é? , pronto, mas não tenho por hábito expressar essas coisas, não. Quando, com algumas pessoas, abro as torneirinhas até dizer basta mas habitualmente não tenho por hábito, até porque tenho a noção de que tinha uma maior tolerância à dor do que tenho actualmente; agora tenho muito medo de ter dor! E na altura, pronto, eu noto isso, passado algum tempo tive que ir ao estomatologista algumas vezes e ele próprio disse 'o que é que se passa consigo, que eu assim que chego ao pé de si fica logo toda hirta?!' , por a antecipação da dor acontecer, porque foi uma dor .. nunca tive uma cólica renal mas deve ser algo assim do género. Pronto, foi extremamente intensa.

A dor, acho que neste conjunto todo foi o que, foi o que mais me marcou! Porque o resto, acho que eu nunca tive muito, muito tempo para .. para reflectir no que é que estava a acontecer, porque as coisas aconteciam assim a correr.

### **O período de maior pensamento foi aquele período de espera no bloco?**

Foi. É assim, eu não tenho a noção do tempo que foi, mas tenho a noção de que não repensei a minha vida, porque também não foi tempo suficiente para isso, mas pensei na pessoa que mais me preocupava e a quem eu estava mais ligada,



que é a minha mãe, não é?. Pronto, porque entretanto ela soube da forma mais desagradável possível que eu estava no hospital, não é?, porque incumbi alguém de dizer, alguém que lhe deveria dizer, essa pessoa fugiu com o rabo á seringa e fui eu que lhe disse, telefonei ao meio da tarde, no dia em que fui internada, o que não é fácil, não é? a gente receber, uma pessoa já com alguma idade, receber assim uma noticia a dizer que a filha está internada, mas está tudo bem, mas o estar tudo bem não assegura nada, não é?

**Durante todo o processo desde a cirurgia, o internamento, o que é que sentiu?**

**Quais foram os sentimentos mais emergentes?**

Pronto, foi esse medo, em relação não a mim mas a quem ficava. Foi o medo de efectivamente ser algo do foro oncológico, foi aquele desconhecido das massas, que é algo palerma, mas foi o sentimento, foi o sentimento de que efectivamente não somos indestrutíveis não é? e que não estamos acima dos outros, portanto adoecemos da mesma forma e está tudo muito bem connosco e de um momento para o outro não está nada bem connosco; sou uma pessoa até, e sou e continuo a ser uma pessoa saudável, foi principalmente isso, esses medos, esses sentimentos de impotência, de não conseguir lidar com a situação, não é de lidar, é de ser eu a resolver as coisas, pronto a resolução destas situações estava fora do meu domínio, do meu domínio. Portanto, é isso o que me, foi isso que me assustou mais e lembro-me que já muito posteriormente, já estava.. foi necessário ir lá abaixo, à braqui, portanto uma doente estava a fazer tratamentos sob sedação e era só sob sedação, e senti-me extremamente angustiada porque me revi naquela doente e que, durante o

momento da intervenção, em que estamos sob anestesia, estamos dependentes dos outros, completamente dependentes dos outros, se houver uma falha nós não podemos fazer nada pois está tudo fora do nosso controle e essa dependência, quando fui lá baixo, assustou-me imenso, pronto. Já a posteriori repensei isso, na altura não deu para pensar, foi todo muito rápido, eu costumo dizer que se tiver que ser operada, que seja assim de urgência, porque não dá tempo para nós pensarmos em coisa nenhuma, de resto acho que se fosse algo programado as coisas aconteceriam de forma completamente diferente ou se calhar os sentimentos eram completamente diferentes e o medo ainda seria, penso que ainda seria maior. Portanto as coisas a mim aconteceram um bocadinho a posteriori ou reflecti sobre elas a posteriori.

**Quando me diz que estava assustada, quando lhe falam em massa abdominais, tem de alguma forma a ver com o facto de trabalhar em oncologia?**

Tem! Tem e não tem, porque é assim, um quisto abdominal em termos de .. de risco, não é?, um neo do ovário é uma situação muito, muito difícil, não é?, pronto e passei já aqui com doentes que, pessoas até ainda jovens com tumores do ovário, que efectivamente o desfecho foi a morte. As massas era por ser uma entidade tão, tão pouco definida, e eu penso que tem mais a ver, teve mais a ver com isso, porque quando falaram do quisto não ... pronto, quer dizer, é um quisto ali, as massas abdominais é algo mais, mais indefinido e isso assustou-me imenso.

**Como é que foi ser doente-enfermeiro? A vivência do processo pós-cirurgia?**

**Período de recuperação, pós-operatório? Como é que foi ser doente sendo enfermeiro?**

É assim. Houve coisas que a gente às vezes não pergunta por vergonha, pois como somos enfermeiros temos que saber, não é?, pronto, e eu tenho pouca ou nenhuma experiência em cirurgia, não é? achei muito exótico eu não fazer antibiótico, mas aquilo estava-me a roer e eu tive que perguntar á colega: 'então mas eu não faço antibiótico?'; 'ah, mas fez no bloco, agora é assim!', 'ah, muito bem, já fiquei mais descansada!'. Pronto, essas são aquelas coisas que nós às vezes, penso que nós próprios, em relação a outros colegas, assumimos que como somos do mesmo grupo profissional, todos temos a mesma experiência profissional e temos os mesmos conhecimentos e, às vezes, não passamos a informação suficiente porque consideramos que o outro já tem que saber tudo. Pronto, mas como eu costumo dizer, às vezes, gosto de me armar em parva, e vou fazendo assim, não tenho vergonha de passar por tonta e burrica e vou perguntando as coisas. Pronto, as colegas foram transmitindo, nunca fiquei assim muito... se me perguntar o nome das colegas, não consegui estabelecer com elas uma relação proximal, conheço mais uma ou outra colega de lá porque já as conhecia de antigamente, de resto, acho que a minha própria passagem no serviço, além do burburinho que as visitas provocavam, não, não alterou o funcionamento, pronto, as colegas não tiveram, foram sempre solícitas, presentes, mas não se estabeleceu assim uma relação muito, muito proximal com as enfermeiras, se calhar eu também sou uma pessoa que às

vezes me fecho um bocado, que me isolo um bocado e também não queria isso, eu estava no meu quarto, estava sossegadinha, tinha música, o tempo também foi relativamente curto, entrei numa terça-feira saí no sábado e, portanto, foi uma passagem sem incidentes, portanto, ótimo, não é?, para mim e também para os profissionais; a minha passagem não foi assim muito, muito.. pronto, não foi marcante, não houve crises que se fizessem notar, portanto não estabeleci com os colegas assim uma relação proximal, mas conheço-as, algumas de vista, é óbvio e penso que também, ponto, não tentei de alguma forma, mesmo com as outras, e o facto de estar sozinha num quarto também, se calhar, provocou mais esse isolamento, eu ia fazer as refeições mas também não.. estava confortavelmente instalada.

### **O que é que sentiu de ter ficado sozinha num quarto?**

Achei ótimo. Achei porque eu tenho muitos problemas para dormir ou antes, eu durmo, durmo muito bem mas tenho que estar muito sossegada. Não me esquece uma noite em que uma colega nossa, da meia noite, desde que entrou até à uma e tal da manhã, passou a noite a barafustar por que alguém lhe tinha roubado o porta minas, alto e bom som, barafustou, barafustou, incomodou a enfermaria toda por causa de um célebre porta minas! (incrédula). Pronto e eu sei como é nos serviços, às vezes há pessoas com idade e é complicado, eu vejo aqui, quão difícil é nalgumas situações, mesmo com quartos de dois doentes, conseguirem descansar, e eu acho que é um aspecto importante na recuperação de qualquer tipo de situação, de patologias, do ponto de vista cirúrgico, porque, para mim, se eu não durmo, fico logo tipo zombie e esse

aspecto, como também tinha tido muitas visitas, tanto de colegas do hospital como também daqui do IPO, nunca me senti sozinha, não é? pronto e agora vivemos na era do telemóvel, que isso também temas suas vantagens; nunca me senti só, nesse aspecto, acho que senti que as pessoas estavam sempre presentes.

**Há pouco disse-me que, na situação do bloco operatório, sentiu-se dependente e é uma sensação má? No pós-operatório, pelo menos no primeiro dia, no pós-operatório imediato há também alguma dependência dos profissionais?**

É. Não. Não porque é assim, pronto eu achei, achei engraçada a maneira como as colegas, meu Deus, isto para aí o dia a seguir, por volta das onze, meio-dia, não sei precisar a hora, depois do médico passar, vamos levantar e eu perguntei 'então e agora como é que vai ser?' – 'vai fazer tudo isso sozinha!'. Meu dito, meu feito! Elas explicaram-me como é que eu fazia e eu levantei-me sozinha! Fiquei fã dos trapézios! Elas explicaram: segura a barriga, puxa o rabinho para a borda da cama, pega e depois roda. Eu fiz tudo sozinha (alguma ironia e acentuação das sílabas). Portanto, o 1º levante, é óbvio que elas estavam comigo, mas o 1º levante foi feito .. porque elas disseram 'vai fazer tudo sozinha', elas só explicaram e eu, é óbvio que me amparavam até eu chegar à cadeira para me sentar um bocadinho, lembro-me aí de ter que a coisa mais horrível foi a crise de tosse que eu tive nessa altura, parece que aquilo rebentava por todo o lado, foi o momento mais difícil, pronto. Tinha a sonda vesical ainda na altura porque passado uma horita e tal retiraram-na, pronto, o

pós-operatório correu optimamente bem, desde a partir desse momento comecei a ser a levantar-me sozinha; fiquei fã dos trapézios! (risos) porque eu acho que a gente não valoriza, aqui, às vezes, alguns dos nossos doentes não podem mas há outros que podem e nós, como profissionais, temos que nos preservar. O óptimo destas camas eléctricas e a justificação é que o doente torna-se muito mais autónomo, há menos riscos de quedas, porque o doente pode regular a sua cama à sua altura; ali, portanto, a partir desse momento ninguém mais supervisionou as minhas idas e vindas da cama, era só comigo, portanto, depois de retirarem a sonda vesical, retiraram o soro, retiraram tudo, fiquei (**quase autónoma**) e despachada, cm algumas dores, é óbvio, mas também, a partir daí, nunca mais fiz nenhuma medicação analgésica. Eu, a partir daí, não fiz mais medicação nenhuma. Foi um pós-operatório sem.. mas depois vim para aqui e fiz uma infecção urinária, mas pronto. Isso foi outro pormenor. Isso é outro pormenor (risos).

**Qual é o significado no geral que atribuiu a esta experiência?**

(Algun silêncio) não sei, quer dizer, primeiro foi o significado de nós, efectivamente, pensarmos que não somos indestrutíveis, que estamos acima da carne seca, como se costuma dizer. e por outro lado acho que, eu penso que tenho tido algumas experiências na vida ou algumas situações na vida que, penso eu, que me ajudam a conseguir colocar no lugar do outro, e falo isso, por exemplo em relação a uma tia de idade que eu tive em minha casa, dependente e que eu sei a perturbação que foi na minha vida ou na vida da minha família e consigo muitas vezes também perceber, porque às vezes, diz-se que a família

não quer o doente, não sei o quê, não sei que mais, mas eu consigo ver o outro lado porque sei a perturbação que, toda a minha vida teve que ser gerida, não em função de mim, mas em função dela, porque era ela que tinha necessidades e era ela que tinha os problemas. Nesta situação, também me ajudou a ver o lado do doente: o barulho, que é uma das coisas com que eu estou sempre aqui a barafustar, os carros, as pessoas, as portas, tudo isso incomoda extremamente quem está; se calhar até aquela mão que se pôs na minha testa quando estava a tremer no bloco, pronto, foi um aspecto importante porque acho que me sossegou, acalmou, porque estava-me a sentir um bocado só e exposta e pronto, depois todo, todo o acompanhamento que todos as pessoas e profissionais, que de uma forma um bocadinho mais na retaguarda, todas as pessoas que me foram visitar, todo o apoio que senti, pronto, para eu não me sentir.. que não me sentisse só, que é uma das coisas que me assusta na vida é ficar só, gosto muito de estar sozinha, mas não gosto de me sentir só e saber que não tenho uma rede de apoio. E porque é aquela situação que eu falei, isso só raciocinei mais tarde, uma situação em que estamos dependentes de todos os outros, já tinha passado por uma experiência de um pé torcido, que tinha ficado em casa, na cama e quero um copo de água e têm que me trazer um copo de água, mas ali é uma dependência completamente diferente, é a dependência da decisão, não é dos actos, mas é da decisão dos outros, aquilo que eles fazem interfere ou pode interferir com a nossa vida, pronto esse foi um dos sentimentos que, de forma mais, que agora, posteriormente, fui pensando, fui pensando nisso.

**Quando lhe questionei esta questão falou-me do barulho e que tem batalhado para que minimize. Notou que a experiência teve influência nessa mudança a nível profissional ao tentar fazer algumas mudanças?**

Sim, mas não consigo. Alertou-me mais para o que isso efectivamente agudiza; acontece que já tinha falado sei de pessoas, penso que até na cabeça e pescoço, que fizeram um estudo sobre, ou na UCI, sobre o ruído e sei que isso é muito... mas eu consegui mesmo viver isso, passa o carro da estilização, e passa o carro da roupa, e passa o carro dos sujos e batem portas, e é o telefone e é o profissional que fala alto 'ó Maria, ó Manel', pronto, e depois há a visitas que, é óptimo ter visitas, sem dúvida, mas a maior parte das nossas visitas não sabem estar; lembro-me de um dia em que se armou uma perfeita confusão quase às nove da noite, porque havia visitas que não se queriam ir embora, quer dizer, as pessoas não respeitam os outros, não respeitam os horários e não respeitam as outras pessoas que estão internadas, o que é um bocadinho de falta de respeito por os outros doentes, noto isso e aqui também! Às vezes, temos aqui toneladas de visitas, pronto, mas é assim, eu aqui não consigo, nessa parte das visitas, não consigo ser radical, porque fui que defini que eram 3 visitas por doente, podia ter definido menos, porque acho que é importante, principalmente para o nosso doente. Lá é uma situação, pelo menos a minha, foi uma situação transitória, 3 ou 4 dias, mas também não sei se havia pessoas com mais tempo, mas nas visitas não consigo ser tão selectiva; em relação aos profissionais, tento de alguma forma, que as pessoas falem mais baixo, mas não consigo (desalento). Não, não consigo. Não, consigo, por exemplo tenho uma porta em



frente ao meu gabinete que me põe doida o dia todo, já não falando nos telefones, pronto. Há um, se as pessoas se conseguirem abstrair um pouco das actividades e tentarem só ouvir o barulho de fundo, é impressionante. É assim, imagino doentes como nós temos, de cabeça e sistema nervoso central, a confusão que aquilo lhe deve fazer, mas não conseguimos mudar muita coisa.

**Em relação, quando foi operada, houve aquela indecisão do diagnóstico relativamente às massas, porque não sabíamos o que é que era. Desde a saída do bloco e até ao período em que o médico foi informá-la, como correu esse período?**

Exacto. Eu fui logo informada naquela tarde. Foi esse tal período, porque é assim, a passagem pelo recobro, à parte das dores e do discurso sobre o tratado de Bolonha, que ainda hoje em dia, acho que devia estar completamente totó das ideias, não é?, sei que depois voltei a adormecer e não me lembro da transferência da UCI ou da unidade do recobro para o quarto, lembro-me de estar no quarto já, com tudo escuro, pronto, num ambiente assim escuro, era inverno, portanto também era natural e o médico ir lá dizer 'olha, afinal não era, não era nenhum quisto, eram dois miomas que estavam torcidos, eram pediculados e estavam torcidos e correu tudo bem, pronto. Portanto, o tempo não deu para pensar, não, não.

Qual foi a sensação?

Foi de muito alívio como é óbvio, não é? e considerar como é que consegui ter uma mobília, tão grande, dentro de mim, sem nunca ter tido sintomatologia nenhuma (risos), senão aquelas dores, um mês, um mês antes. E depois pensar

efectivamente, como profissional de saúde, não é?, a minha vigilância é um bocadinho fraca (voz mais baixa), porque as consultas de ginecologia eram quando chegasse ao 45, estava quase, não é? estava quase na altura, mas os miomas resolveram antecipar-se, porque era mais prático.

**Já falamos há pouco sobre os conhecimentos dos enfermeiros, que já se pressupõe que tenham e às vezes nem são dados porque o colega pensa que nós já sabemos tudo. Acha que é possível estar e viver o papel de doente dissociado do papel de enfermeiro?**

Eu penso que não. Eu penso que, ou então é mania minha, nem dissociar o papel de .. pronto, nem o doente dissociado do papel de enfermeiro , nem ser enfermeiro dissociado de outro papel qualquer, pronto, acho que nós temos assim uma certa bitola e penso que nestas coisas, nesta situação acho que fui um bocadito, sou um bocadito *sui generis* porque, pronto, não... houve coisas que eu se calhar eu deveria-me ter preocupado e deveria ter sido mais cuidadosa e, de alguma forma, tentei camuflar, pronto. É como a história do quisto, não é? fica lá para trás, não vale a pena pensar muito, se calhar valorizam-se outras coisas e não consegui, pronto, não tive assim uma atitude ou ante, tentei racionalizar de forma a camuflar a situação. Enquanto enfermeira, a gente tenta, vê todos os pequenos sintomas, a gente começava pensar, não é?, como é que as coisas são, porque alguém disse que se calhar tinha uma hematúrizita, se calhar fez algum toque na bexiga, pronto, depois fiz uma infecção urinária, depois vamos ver o que é que é; qual é a melhor medicação; como é que hei-de ultrapassar isto. Acho que nós, às vezes, o nosso

conhecimento leva-nos a tentar resolver algumas coisas e depois acabamos só por complicar. O que foi o que eu fiz, tentei resolver o problema da infecção urinária, fui resolvendo, fui resolvendo e não resolvi nada, porque tive de fazer medicação que foi um mimo! Bebe-se muita água, bebe-se sumo de laranja e mais não sei o quê, fazem-se aquelas mezinhas caseiras, aquelas estratégias que a gente sabe que podem ou não ajudar e depois não, não se consegue; agora, eu penso que nós enfermeiros, pronto, foi como aquela história 'agora não se faz antibiótico, agora não se faz isto'; é assim, nós vamos sempre, em termos de diagnóstico, acho que pensamos, às vezes, o pior e depois, e depois, acabamos por racionalizar e dizer que não somos indestrutíveis, não nos acontece nada conosco e tentar resolver os problemas nós próprios. A sintomatologia acho que não vale a pena estar a incomodar o médico, até porque a gente sabe como é que resolve isto.

No fundo esta experiência teve um impacto na vida da F.?

Teve. Teve, teve .. Teve um impacto grande, foi aquela história de não ser indestrutível, não é?

O medo da dor, ainda hoje. Teve esse aspecto, que me torna uma pessoa muito mais, quando agora tenho qualquer coisa, já penso o que é que é isto?, começo logo a pensar e, mas foi principalmente esse, efectivamente que as coisas dá talvez pelo facto de eu ter sido até aquela altura uma pessoa, além duma constipçãozeca e de me atirar ao chão e fazer uns entorses, nunca tive grande coisa, foi mesmo essa sensação de que efectivamente sou como as outras pessoas, que...penso que ainda aumentou mais esse medo da dependência, de

um dia mais tarde, eu vou estar dependente, eu vou estar só, como é que vai ser? Eu penso que projectei mais os medos para o futuro, para uma idade mais avançada.

Isso de alguma forma, mudou a sua forma de estar, no que diz: nós como enfermeiros automedicamo-nos, protelamos um bocadinho'; modificou alguma coisa ou nem por isso?

Não, estou mais atenta. Estou mais atenta a mim, pronto, quando acontece alguma coisa vou logo ao médico, não vamos chegar aquele ponto (risos), por amor de Deus, não é? Nesse aspecto tornou-me ... é assim, eu penso que eu estava atenta, eu nunca tive foi sintomatologia nenhuma, pronto. Mas agora, noto que, pronto, é assim, fazia a vigilância de estomatologia e de oftalmologia todos os anos, mas entretanto a ginecologia – coisas incómodas ficam para mais tarde, vai-se protelando e a partir daí não, passei a ser muito; muito rigorosa, muito, muito rigorosa, porque é assim, a idade vai avançando e a gente tem que pensar que efectivamente as coisas vão-se alterando e podem surgir, claro.

36.30